

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ  
CAMPUS POETA TORQUATO NETO  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES  
CURSO: BACHARELADO EM JORNALISMO

**Onde passam os Reis:  
A tradição do Reisado na cidade de Boa-Hora-PI**

LEILANE COELHO DA SILVA

Teresina – PI  
2025

LEILANE COELHO DA SILVA

**Onde passam os Reis:  
A tradição do Reisado na cidade de Boa-Hora-PI**

Relatório final acerca de vídeo-documentário apresentado ao Curso de Bacharelado em Jornalismo, da Universidade Estadual do Piauí, como parte dos pré-requisitos para a aprovação na disciplina TCC 2 e a posterior obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Profa. Dra. Rosane Martins de Jesus

Teresina – PI  
2025

S586o Silva, Leilane Coelho da.

Onde passam os Reis: a tradição do Reisado na cidade de Boa-Hora-PI / Leilane Coelho da Silva. - 2025.  
34 f.: il.

Relatório (graduação) - Universidade Estadual do Piauí-UESPI, Bacharelado em Jornalismo, Campus Poeta Torquato Neto, Teresina-PI, 2025.

"Orientadora: Profa. Dra. Rosane Martins de Jesus".

1. Reisado de Boa-Hora. 2. Folkcomunicação. 3. Video-documentário. I. Jesus, Rosane Martins de . II. Título.

CDD 303

Onde passam os Reis: a tradição do Reisado na cidade de Boa Hora-PI

Relatório final acerca de vídeo-documentário apresentado ao Curso de Bacharelado em Jornalismo, da Universidade Estadual do Piauí, como parte dos pré-requisitos para a aprovação na disciplina TCC 2 e a posterior obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Aprovado em 17/06/2025

#### BANCA EXAMINADORA

---

Profª. Dra. Rosane Martins de Jesus  
Orientadora- Universidade Estadual do Piauí

---

Profª. Dra. Samária Araújo de Andrade  
Examinador-Universidade Estadual do Piauí

---

Profª. Ma. Thamyres Sousa de Oliveira  
Examinador-Universidade Estadual do Piauí

*À comunidade de Boa-Hora-PI, com o almejo de que não deixem essa cultura tão rica acabar.*

## **Agradecimentos**

Aos meus pais, que foram a base de tudo em cada etapa dessa caminhada, minha eterna gratidão. Agradeço à minha mãe por todas as vezes que pôs os joelhos no chão para rezar por mim, por todos os seus esforços para que eu sempre tivesse o melhor e por sempre ser minha zona de conforto. Agradeço ao meu pai por sempre me apoiar em tudo, por torcer por mim e aplaudir cada passo que eu dava. Agradeço também ao meu irmão por estar sempre ao meu lado me dando suporte. Cada conquista minha carrega um pedaço do sacrifício e da dedicação de vocês. Nada disso seria possível sem o que vocês fizeram por mim.

À Iara Patrícia, Juliana Nascimento, Louise Marry e Gabriel Ferreira, — que durante essa jornada longe da minha família, estudando em outra cidade, foram conforto, leveza e alegria em muitos momentos, principalmente nos mais desafiadores — aqueles que a vida me deu quando eu mais precisava, minha imensa gratidão.

Aos meus professores por compartilharem seus saberes com generosidade e dedicação. Cada aula, orientação e palavra de incentivo deixaram marcas importantes na minha formação.

Agradeço especialmente à professora Rosane Martins, minha orientadora. Obrigada por acreditar no meu potencial e me incentivar a desenvolver esse trabalho. Seu apoio e orientação foram essenciais para que este projeto tomasse forma.

A todas as pessoas que aceitaram dividir comigo sua história de fé e amor pelo Reisado.

Por fim, e não menos importante, agradeço a mim mesma. Por não desistir, por enfrentar os desafios, ter me dedicado, por me permitir e por evoluir. Crescer, amadurecer e transformar-se fez parte do processo — e esse agradecimento é também um reconhecimento a essa caminhada pessoal.

## Resumo

A cidade de Boa-Hora, localizada no interior do Piauí, transforma-se todos os anos durante o mês de janeiro com a chegada do Reisado. Essa manifestação popular, de raízes religiosas e culturais profundas, não apenas celebra a fé nos Santos Reis, como também reforça os laços identitários e comunitários da população boharensense. Reconhecida como um espaço de expressão coletiva, a festa representa um elo entre gerações e um canal de comunicação simbólica que se renova a cada ano. Partindo dessa vivência, o presente trabalho realiza uma investigação sobre o Reisado do município com base em uma abordagem qualitativa e exploratória, fundamentada nos estudos folkcomunicaçãois de Luiz Beltrão, buscando compreender o Reisado como uma prática cultural popular que articula religiosidade, identidade e comunicação comunitária. A pesquisa culmina na elaboração de um vídeo-documentário, que busca traduzir em linguagem audiovisual a profundidade dessa tradição. Sendo assim, este relatório retrata o percurso metodológico de construção do vídeo-documentário, com ênfase nas etapas de pré-produção, produção e pós-produção, descrevendo detalhadamente o processo de criação. A narrativa audiovisual estrutura-se a partir da fé e das promessas aos Santos Reis, e procura registrar não apenas o espetáculo visual da festa, mas também as memórias, os significados e os modos de vida que ela representa. Assim, a produção se configura como um dispositivo de preservação da memória coletiva e de fortalecimento da identidade cultural boharensense, ao mesmo tempo em que oferece visibilidade às vozes dos que mantêm viva essa manifestação centenária.

**Palavras-chave:** Reisado; Boa-Hora; Vídeo-documentário; folkcomunicação;

### Abstract

The city of Boa-Hora, located in the interior of Piauí, is transformed every year during the month of January with the arrival of the *Reisado*. This popular event, with deep religious and cultural roots, not only celebrates faith in the Three Wise Men, but also reinforces the identity and community ties of the *Bohorense* population. Recognized as a space for collective expression, the festival represents a link between generations and a channel of symbolic communication that is renewed every year. Based on this experience, this work conducts an investigation into the *Reisado* of the municipality based on a qualitative and exploratory approach, grounded in the folkcommunication studies of Luiz Beltrão, seeking to understand the *Reisado* as a popular cultural practice that articulates religiosity, identity and community communication. The research culminates in the production of a video-documentary, which seeks to translate the depth of this tradition into audiovisual language. Therefore, this report portrays the methodological path of the video-documentary, with emphasis on the pre-production, production and post-production stages, describing the creation process in detail. The audiovisual narrative is structured based on faith and promises to the Three Wise Men, and seeks to record not only the visual spectacle of the festival, but also the memories, meanings and ways of life that it represents. Thus, the production is configured as a device for preserving the collective memory and strengthening the cultural identity of *Bohorense*, while at the same time offering visibility to the voices of those who keep this centuries-old manifestation alive.

**Keywords:** Reisado; video-documentary; folkcommunication;



## Sumário

|   |           |
|---|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO.....</b>  | <b>9</b>  |
| <b>1 RECONHECENDO AS BASES TEÓRICAS.....</b>                      | <b>12</b> |
| 1.1 Tradição de Santos Reis: perspectiva histórica.....           | 12        |
| 1.2 Folkcomunicação.....  | 16        |
| <b>2 VÍDEO DOCUMENTÁRIO ENQUANTO PRODUTO JORNALÍSTICO.....</b>    | <b>20</b> |
| <b>3 A CONSTRUÇÃO DO DOCUMENTÁRIO SOBRE O REISADO DE BOA HORA</b> | <b>23</b> |
| 3.1 Pré-produção.....   | 23        |
| 3.1.1 Roteiro prévio.....   | 24        |
| 3.2 Produção.....   | 26        |
| 3.2.1 Quem são os personagens dessa história? .....               | 27        |
| 3.3 Pós-produção .....  | 30        |
| 3.3.1 Ficha técnica.....  | 31        |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                                  | <b>33</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>   | <b>34</b> |



## INTRODUÇÃO

Crescer e viver no município de Boa-Hora, cidade piauiense, que fica a aproximadamente 145 quilômetros, de Teresina, capital do Piauí, é se ver imersa em uma tradição que transcende o tempo. Desde criança, o Reisado faz parte do meu mundo, antes mesmo de me tornar verdadeiramente boharens<sup>1</sup>, eu já o conhecia, das viagens que fazia nas férias para visitar meus avós, aqui no Piauí. Uma pequena menina criada em uma cidade grande (São Paulo), enclausurada, se via em êxtase, fascinada e curiosa a respeito daqueles homens grandes em roupas de palhas e máscaras peludas grudadas em um chapéu — embora meus pais contem que eu morria de medo, quando mais nova. Não lembro do medo, apenas do fascínio —, e de como era divertido ver um boi — que para aquela menina era bem real —, todo enfeitado, rodopiando pelo terreiro, ao som de uma sanfona, pois nunca havia visto nada igual antes.

Que história legal de se contar quando, na volta às férias, a professora nos perguntasse qual foi a melhor experiência que tivemos, não é mesmo? Guardei essa admiração pelo Reisado por vários anos, até voltar para o Piauí definitivamente e passar a morar em Boa-Hora, o que ocorreu no final de 2014, quando tinha 11 anos. Nesse período, a expectativa para a grande celebração já começava a se instaurar na cidade, podia se sentir o Reisado chegando, e no dia primeiro de janeiro de 2015 ele chegou, e foi aí que comecei a acompanhar o Reisado e restabelecer esse vínculo nostálgico, anualmente.

Até os dias de hoje, ainda fico impressionada com a maneira como Boa-Hora se transforma no período de Reisado. A cidade se torna “encantada”, graças à “magia” da tradição. O município antes e depois do Reisado não é o mesmo. Durante o período das festividades, a capital do Reisado muda: as ruas, que em outros tempos parecem quietas e distantes, tornam-se palco de uma explosão de movimentos, cores e sons, onde as encenações e os cortejos, não só homenageiam os Reis Magos, mas também, reforçam a conexão da comunidade com sua história e com a sua fé. Boa-Hora, tão pequena e pacata ao longo do ano, assume uma grandeza única nesse período, se destacando culturalmente no cenário regional e reafirmando sua importância.

Como já diz uma das canções populares da tradicional celebração, “*Reisado é, é tradição, quem não gosta de Reisado, é porque não conhece, não*”. A homenagem aos Três Reis de Boa-Hora, é uma expressão artística-religiosa incomparável, de uma energia quase que palpável, que só quem já teve a oportunidade de presenciar pode sentir a potencialidade

---

<sup>1</sup> Gentílico de pessoas nascidas ou residentes da cidade de Boa-Hora, localizada na região Norte do Piauí.

desta cultura. É pelo impacto que essa tradição causa em quem presencia, que Boa-Hora, cidade de quase sete (7) mil habitantes, é popularmente nomeada a capital do Reisado. Anualmente, visitantes de todo o país se deslocam até essa modesta cidade para prestigiar e se emocionar com a riqueza dessa tradição centenária, e assim como eu, se apaixonar por ela.

Foi essa paixão, e a certeza de que o Reisado é mais do que uma festividade religiosa — é um ato de resistência, de preservação da memória coletiva — que me levou a querer registrar tudo isso através de um documentário. O audiovisual, ao contrário das palavras ou fotografias, permite que a história seja contada de maneira viva, em movimento, capturando a essência daquilo que as palavras às vezes não conseguem expressar: a vibração das músicas, a intensidade dos gestos e a emoção que permeia cada detalhe do Reisado.

É este o objetivo principal deste trabalho de conclusão de curso: realizar o registro audiovisual dessa tradição, tendo como caminhos retratar a riqueza e a simbologia do Reisado, buscando preservar a memória identitária e cultural da população boharensense, possibilitando com isso, que mais pessoas possam conhecê-la.

Ao longo deste trabalho, buscamos registrar, por meio do documentário, a tradição do Reisado de Boa-Hora de maneira sensível e fiel, valorizando sua dimensão simbólica, cultural e afetiva. O objetivo é retratar a riqueza dessa manifestação popular, evidenciando sua força enquanto patrimônio imaterial e elemento identitário da população boharensense. Pretende-se, com isso, preservar a memória cultural da comunidade e dar visibilidade às pessoas que mantêm viva essa tradição — foliões, pagadores de promessas, mestres e organizadores —, permitindo que suas vozes e vivências sejam ouvidas e valorizadas. Além disso, procuramos promover o diálogo entre as gerações, mostrando como o Reisado é transmitido e ressignificado no tempo, sendo não apenas uma celebração, mas também um canal de comunicação entre passado, presente e futuro. Assim, o documentário se propõe não apenas como um registro, mas como um instrumento de valorização cultural e de fortalecimento das raízes que sustentam a identidade local.

A devoção, que é a força motriz que move o Reisado, é apresentada como o eixo central da narrativa, um dispositivo, o fio condutor da narrativa. Através do registro audiovisual das performances e entrevistas com os principais atores da tradição, foi possível explorar como o Reisado representa um espaço de troca cultural, onde a oralidade, o corpo e a música se convertem em meios de expressão e interação social. Ressaltamos que o documentário acabou por se tornar uma plataforma de diálogo entre as gerações mais antigas, que mantêm vivas as práticas do Reisado e as novas gerações, que estão em processo de

aprendizado e absorção dessas tradições, destacando sua importância não só como uma festividade popular, mas como uma prática folkcomunicação.

Através das performances, dos cantos e das danças, o Reisado expressa uma visão de mundo que vai além do aspecto religioso, englobando também a valorização da terra, da comunidade e das tradições ancestrais. Desse ponto de vista, o documentário se debruçou sobre os significados simbólicos das encenações e cortejos de Reisado, e o papel que essa celebração desempenha na formação da identidade local.

Documentar o Reisado de Boa-Hora não foi apenas contar uma história, foi compartilhar uma vivência. A intenção é que este trabalho de conclusão de curso celebre a tradição ao mesmo tempo em que a preserva, oferecendo a outros a chance de entender por que, para nós, o Reisado não é apenas uma festa, mas uma parte essencial da nossa vida como comunidade e da nossa cultura.

Por fim, esclarecemos que este relatório acerca da produção de um documentário sobre a tradição do Reisado em Boa Hora, foi organizado da seguinte maneira: no capítulo 1, intitulado “*Reconhecendo as bases teóricas*”, tratamos da contextualização do próprio Reisado e abordamos aspectos ligados à Folkcomunicação, para entender a cultura do Reisado como canal de comunicação; no segundo capítulo intitulado “*Vídeo-documentário enquanto produto jornalístico*”, exploramos a linguagem documental e suas implicações enquanto produto jornalístico; já o capítulo 3 intitulado “*A construção do documentário sobre o Reisado de Boa Hora*”, falamos sobre as etapas para a composição deste Documentário, destacando aspectos da pré-produção, da produção e da pós-produção.

## 1 RECONHECENDO AS BASES TEÓRICAS

Ao investigar uma manifestação cultural como o Reisado, torna-se imprescindível revisitar suas origens históricas, assim como seu desenvolvimento ao longo do tempo. Este percurso histórico-cultural é essencial para entendermos como essa tradição se transformou ao longo dos séculos, adquirindo características únicas que refletem o sincretismo cultural presente na região. Ao traçar essa linha do tempo, é notável que, em lugares como o nordeste, o Reisado não é apenas uma prática natalina, mas é um costume verdadeiramente enraizado na vida social e religiosa da comunidade.

Para contextualizar a análise do Reisado de Boa-Hora, é necessário um olhar atento sobre a tradição, sua forma de expressão e como ela se comunica com a comunidade. E para que possamos ter uma perspectiva teórica sobre como essa cultura dialoga com os seus, é pertinente um aprofundamento nos estudos de Luiz Beltrão na conceituação da Folkcomunicação: a comunicação que se dá por intermédio de artifícios populares.

### 1.1 Tradição de Santos Reis: perspectiva histórica

De origem Ibérica, o Reisado chegou ao Brasil durante o período colonial, por meio dos portugueses, sendo apropriado e recriado pelas populações locais e escravizadas, especialmente no Norte e Nordeste, onde ganhou características próprias (Rocha, 2017). Ligada às festividades natalinas, é uma manifestação cultural repleta de simbologias e diversos personagens, que variam dependendo da região. Cada personagem desempenha um papel fundamental na narração do nascimento de Jesus e na jornada dos Três Reis Magos — Baltazar, Gaspar e Melchior — ao encontro do novo Rei. Sua estrutura envolve uma combinação de músicas, danças e encenações, que podem ser lidas como teatrais, que juntos, criam uma experiência singular, tanto para os participantes quanto para os espectadores.

Com base na historiografia acerca das celebrações de Reisado na Península Ibérica, as festas dedicadas aos Reis Magos datam da Idade Média e possuíam características tanto religiosas quanto profanas. As encenações populares realizadas em praça pública eram um misto de teatro, dança e canto, destinadas a representar a adoração dos Magos ao Menino Jesus. Com o passar dos séculos, essas festividades se enraizaram na cultura portuguesa, onde o “cantar os Reis” e as danças de cortejos se tornaram tradições consolidadas.

Quando os portugueses chegaram ao Brasil no século XVI, trouxeram consigo essas práticas culturais. Aqui, no solo brasileiro, o Reisado foi absorvido pelas populações locais e passou por um processo de sincretismo<sup>2</sup>, ganhando elementos das culturas indígena e africana. Dessa maneira, o Reisado transformou-se, adquirindo cores, ritmos e narrativas que refletiam a diversidade cultural do Brasil (Rocha, 2017).

Ao longo do tempo, o Reisado firmou-se como uma festa popular que integra teatro, música, dança e devoção. Realizado principalmente entre os dias 24 de dezembro e 6 de janeiro, Dia de Reis, o Reisado envolve cortejos que percorrem as ruas das cidades e zonas rurais, levando cânticos, bênçãos e uma celebração viva da fé cristã.

Dependendo da região, existe uma variada gama de personagens integrados a essa celebração. Cada personagem possui um papel específico dentro da encenação, sendo alguns de caráter religioso, que é o caso dos Três Reis. Enquanto outros, como o Boi e o Jaraguá — criatura mística popular em Folias de Reis do Nordeste — trazem elementos cômicos e lúdicos à festividade. Essas figuras dançam e cantam músicas que rememoram a visita dos Reis ao Menino Jesus. O Reisado, portanto, não é apenas uma celebração religiosa, mas também um espetáculo popular, repleto de simbolismo e criatividade.

No Nordeste, essa tradição foi acolhida e adaptada pelas comunidades, especialmente em estados como Pernambuco, Ceará, Alagoas e Piauí. Nesses locais, o Reisado tornou-se um patrimônio imaterial, preservado por gerações e transformado em uma importante forma de expressão cultural.

Em Boa-Hora, cidade do Estado do Piauí, a já conhecida “capital da rapadura e do Reisado”, essa tradição existe há mais de 100 anos, sendo repassada por gerações de famílias pagadores de promessas, que mantêm a tradição viva até os dias atuais. Não se sabe ao certo em qual período o Reisado chegou à Boa-Hora, tendo em vista a escassez de registros históricos sobre essa tradição no município.

Como nas outras regiões, o Reisado de Boa-Hora também celebra a visita dos Reis Magos ao Menino Jesus, e é rico em simbologia, fé e muita devoção, integrando o imaginário de cada “bohorense”. Nascido de promessas — realizadas mediante uma graça alcançada ou circunstâncias que envolvem adversidades da vida, como problema de saúde —, o festejo aos Três Reis Magos é o que une a comunidade em torno de suas raízes religiosas e culturais.

A celebração é marcada pela presença de personagens típicos, como os Caretas, as Cantadeiras, o Sanfoneiro, o Mandador e a estrela do espetáculo, o Boi (figura 1 e 2). Esses

---

<sup>2</sup> Sincretismo é a fusão de elementos de diferentes religiões, culturas ou tradições, resultando em uma mescla que pode gerar novas práticas ou crenças.

elementos são repassados oralmente através dos anos, e seus significados vão além da realização de um espetáculo, é um retrato da devoção e da fé de quem o faz.

Figura 1: Os caretas usam máscaras com pelos e vestidos de palha  
Fonte: Acervo pessoal, 2024.



Figura 2: O boi se destaca entre os outros personagens devido à explosão de cores, fitas e estampas que o embelezam.  
Fonte: Acervo pessoal, 2024.



Um dos diferenciais do Reisado bohorense, em relação ao de outras regiões, é que além de narrar a jornada dos Três Reis indo ao encontro do menino Jesus, narra a trajetória de vida e morte do Salvador. Essas simbologias se encontram até mesmo no mais sutil detalhe,



como o vai e vem que faz o boi em sua dança, que representa as viagens que Jesus realizou “de um lado para outro” espalhando a palavra de Deus (Rocha, 2017). Jesus é representado pelo Boi durante toda a narrativa. Com espírito de liderança, dando orientações para o Boi prosseguir seus comandos, o mandador representa a figura do pai (Andrade *et al.*, 2019, p.105), sendo responsável por levar o Boi até a porta do dono da casa e, com seus versos improvisados, fazer o boi dançar no terreiro.

Da descrição dos magos nasceu a descrição dos três caretas. O careta velho representa o rei Melquior, que devido à sua idade e experiência de vida, era tido como chefe e conselheiro. Tal qual o careta velho é o líder do grupo e encaminha as brincadeiras e cantigas. O careta do meio representa o Reis Baltazar. E o careta caçulinha representa o rei Gaspar (Rocha, 2017, p. 41).

Até mesmo o balançar constante das palhas que vestem os caretas possui um significado, simboliza a ansiedade dos Três Reis para conhecer o novo Rei (Rocha, 2017). Seus sapateados frenéticos traduzem os passos acelerados dos Três Magos que se apressavam para acompanhar a estrela guia durante a noite, enquanto ela brilhava no céu (Rocha, 2017).

Cada mago saiu de uma região diferente com o objetivo em mente. Os três se encontraram no palácio do Rei Herodes. Desde então, continuaram a procurar juntos, porque os três tinham o mesmo objetivo. Por esta razão, os caretas sapateiam primeiramente um a um, representando a saída individual de cada mago da sua terra natal até o Palácio de Herodes. Depois, os três sapateiam juntos, representando a caminhada em grupo e o objetivo em comum, que era adorar a criança, reconhecê-la como rei dos reis e presentear-a com aquilo que eles tinham de melhor para oferecer (Rocha, 2017, p. 42).

A sanfona é um instrumento característico do Reisado de Boa-Hora, e o único utilizado. O sanfoneiro é o personagem que está constantemente presente nas apresentações, do início ao fim. É com a melodia desse instrumento, que as cantadeiras iniciam e encerram a visita dos Reis às casas, acompanhando com suas “cantigas de porta”, pedindo e agradecendo ao patrão (dono da casa) por receber Santo Reis e seus devotos. As danças e as poesias são exclusivas do Reisado local.

No Reisado de Boa-Hora, “aquilo que não é possível ser representado através dos objetos e da poesia é mostrado através dos seus corpos e da dança, porque o corpo é capaz de expressar tanto uma mensagem pessoal como uma universal” (Rocha, 2017, p. 42). Além de narrar a trajetória bíblica dos Três Reis Magos, nas letras de suas cantigas e versos rimados, os brincantes de Reisado também contam a história de Boa-Hora, da comunidade e do próprio Reisado, expressando sua paixão pela tradição.

Pode-se dizer que a chegada do ano novo é o período mais aguardado pelos boharenses, não pelo réveillon, mas sim, pela espera ansiosa pelo Reisado. As romarias de

Reis ocorrem tradicionalmente no período natalino, geralmente entre o Natal e o Dia de Reis, em 6 de janeiro, quando se encerra com a morte do Boi de Fama. São seis noites de peregrinação repletas de muita alegria, festa e devoção. A peregrinação começa no início da noite e se estende até o amanhecer.

Esse período tem um significado especial no calendário cristão, pois celebra o nascimento de Jesus e a visita dos Três Reis Magos ao recém-nascido. Para a comunidade de Boa Hora, o Reisado é uma forma de demonstrar sua fé, ao mesmo tempo em que se celebra a renovação da vida e da esperança trazida pelo novo ano.

## 1.2. Sobre a Folkcomunicação

Conceito introduzido pelo pesquisador brasileiro, Luiz Beltrão em meados do século XX, a Folkcomunicação é um campo teórico que se dedica ao estudo dos processos comunicacionais próprios das culturas populares. A palavra Folkcomunicação vem da junção das palavras “folclore” e “comunicação”, sendo a folkcomunicação, portanto, “a comunicação que se dá por meio do folclore” (Carvalho *et al.*, 2013, p. 3), ou seja, é a comunicação gerada por intermédio de artifícios populares.

Para Luiz Beltrão (1980) a Folkcomunicação se trata do “conjunto de procedimentos de intercâmbio de informações, ideias, opiniões e atitudes dos públicos marginalizados urbanos e rurais, através de agentes e de meios direta ou indiretamente ligados ao folclore” (Beltrão, 1980, p. 24 *apud* Carvalho *et al.*, 2013, p. 3). Esse processo surge à medida que os marginalizados das grandes mídias necessitam se comunicar, e não podem usufruir dos canais existentes, utilizando, assim, de artifícios culturais para tal (Carvalho *et al.*, 2013).

A Folkcomunicação preenche o hiato, quando não o vazio, não só da informação jornalística como das demais funções da comunicação: educação, promoção e diversão, refletindo viver, querer e o sonhar das massas populares excluídas por diversas razões e circunstâncias do processo civilizatório [...] (Beltrão, 1980, p. 26 *apud* Carvalho *et al.*, 2013, p. 4)

Na Folkcomunicação, o foco está na comunicação horizontal, ou seja, nos fluxos de troca de informações que ocorrem dentro de um grupo e que são produzidos por ele, ao invés de serem impostos de maneira vertical pela mídia de massa. Os estudos da folkcomunicação estimulam o regionalismo, tendo como preocupação registrar a visão de um determinado grupo ou comunidade, sobre suas manifestações culturais. Sendo assim, acompanhar a Folkcomunicação é acompanhar as culturas (Carvalho *et al.*, 2013, p. 3).

Entre os aspectos centrais que caracterizam a teoria de Luiz Beltrão (1980), destacam-se a oralidade e a ritualidade. A oralidade é um elemento fundamental, pois, em muitas manifestações culturais populares, o conhecimento é repassado verbalmente, seja por meio de narrativas ou elementos artísticos, como danças, cantos e performances teatrais. A ritualidade é evidente no vínculo dessas manifestações com celebrações religiosas e festas populares, conferindo-lhes um caráter simbólico e muitas vezes sagrado. Para as autoras Betania Maciel (2013) e Shirley da Silva (2013),

as manifestações das classes marginalizadas do processo moderno incluem folguedos, que frequentemente têm um caráter religioso e ocorrem quase sempre na mesma data. Trata-se da realização de uma prática devocional. As pessoas vivem a sua crença, têm prazer em estar ali. Pode-se observar e apresentar diversos registros onde o fato da comemoração está intrinsecamente ligado às suas crenças. Na maioria das vezes, estas festas são exemplos de apropriações da mídia massiva. A intolerância religiosa é também um entrave para a prática da cultura popular. A folkcomunicação é uma forma de mídia alternativa, que dialoga com a mídia hegemônica, mediando a fronteira cultura globalizada-cultura popular. Não deixar que folkcomunicação seja confundida com estudo de folclore (Maciel e Silva, 2013, p. 46).

Outro aspecto que se destaca na Folkcomunicação é a coletividade, expressa na participação ativa dos membros da comunidade, que desempenham papéis específicos e colaboram para a prevenção e renovação das práticas culturais. Apesar dessas manifestações possuírem padrões e tradições, elas muitas vezes se adaptam e se transformam conforme o contexto social. É devido a esses aspectos, que as autoras Maciel (2013) e Silva (2013) destacam o uso do método de pesquisa de observação *in loco*, advindo da etnografia, como um complemento fundamental para a pesquisa folkcomunicacional. Para dessa forma, construir uma base sólida de conhecimento e compreensão sobre a realidade regional, que permita apoiar estudiosos da mídia a tratar o tema relacionado ao dia a dia das classes subalternas, dentro de uma perspectiva mais aproximada do real (Maciel e Silva, 2013, p. 48).

Para o autor Roberto DaMatta (1978), a experiência do trabalho de campo ocorre a partir do movimento, do deslocamento do pesquisador em relação à sua própria sociedade (Travancas, 2005, p. 100).

Quando parte para pesquisar outra sociedade longe da sua, muitas vezes é preciso que o antropólogo vivencie o que DaMatta chamou de “*anthropological blues*”. Estes *blues*, esta tristeza, são o resultado da sua tentativa de transformar o “exótico em familiar” e “o familiar em exótico”. O primeiro diz respeito ao encontro do pesquisador com a sociedade do “outro”, do diferente. É seu confronto pessoal não apenas com o isolamento e a “saudades”, mas também com um universo diverso do seu, com outros códigos, outras lógicas, outra maneira de viver e pensar. O segundo movimento é o que envolve o antropólogo que decide pesquisar a sua própria sociedade, procurando encará-la de uma forma nova, experimentando o “estranhamento” dentro da sua própria cultura (Travancas, 2005, p. 100).

Para o presente trabalho, o foco está no deslocamento que a pesquisadora tem que fazer dentro da sua própria comunidade, “procurando olhá-la com outros olhos, com olhos de estrangeira em busca de significados. Mais particularmente, do significado do mundo da comunicação de massa e da indústria cultural com tudo que lhe envolve e diz respeito” (Travancas, 2005, p. 100).

A Folkcomunicação também possui uma forte visão de resistência cultural. Em um cenário globalizado, no qual as indústrias culturais promovem frequentemente a hegemonização das expressões artísticas e dos valores sociais, as práticas comunicacionais populares mantêm vivas as especificidades locais, funcionando como um sustentáculo da identidade cultural regional.

No Brasil, as tradições populares são importantes no processo de criação cultural brasileira e identidade nacional. [...] Hoje, o grande problema é a perda de identidade com a sociedade globalizada. Pois, com a influência dos meios de comunicação, o predomínio da cultura de massa, a intensificação do avanço industrial com novas tecnologias, e o turismo como fenômeno de lazer das multidões, novos desafios foram lançados às manifestações folclóricas. Consequentemente, abriram novas perspectivas ao estudo dos processos de transformação, aculturação e até mesmo de destruição. É por isso que temos que compreender estas mudanças para nos defendermos dos efeitos da globalização. (Breguez, 2002, online *apud* Maciel e Silva, 2013, p. 48)

Sobre isso, Maciel (2013) e Silva (2013) apontam a espetacularização como um problema enfrentado pela cultura popular, nomeando esse movimento de canibalização: quando a prática cultural é executada por quem não a conhece, sendo a classe hegemônica a principal responsável por esse processo. “No Brasil, a diversidade cultural é muito grande. Mas já existe um padrão do que os espectadores gostariam de ver. Dessa maneira, ela não dialoga e reforça ainda mais os estereótipos, produzindo dessa forma a alienação e a exclusão social” (Maciel e Silva, 2013, p. 49). Por isso, “é importante que os profissionais da mídia saibam lidar com as expressões populares para que não modifiquem o real significado das culturas” (Maciel e Silva, 2013, p. 48).

Em síntese, a folkcomunicação, concebida por Luiz Beltrão, revela-se como uma abordagem teórica essencial para a compreensão das práticas comunicacionais enraizadas nas culturas populares. A partir de suas características centrais, como oralidade, ritualidade e coletividade, esse conceito se propõe a interpretar os fluxos de comunicação originados em comunidades que, restauram frequentemente os meios hegemônicos, encontram nas manifestações culturais uma forma de expressão, resistência e preservação da sua identidade.

Além de representar um contraponto à comunicação de massa, a folkcomunicação também desempenham um papel crucial na manutenção da diversidade cultural, reforçando a

importância da memória coletiva para o fortalecimento das tradições, frente aos desafios impostos pela globalização e pela padronização cultural. No entanto, como apontado pelos estudiosos da área, as especificações de espetacularização e canibalização das práticas culturais populares emergem como desafios, evidenciando a necessidade de uma abordagem ética e respeitosa por parte dos profissionais da mídia e pesquisadores.

Portanto, compreender e valorizar a folkcomunicação não é apenas reconhecer sua relevância como campo de estudo, mas também atuar em prol da preservação e do fortalecimento das tradições culturais no Brasil. A aplicação prática desse conhecimento, sobretudo no contexto midiático, é vital para evitar distorções e para construir narrativas que respeitem e celebrem a riqueza cultural popular.

## 2 VÍDEO-DOCUMENTÁRIO ENQUANTO PRODUTO JORNALÍSTICO

Realizar um documentário parte da premissa de retratar uma realidade. Para Patricio Guzmán (2017), a realidade se trata de “uma percepção subjetiva”, um efeito dos nossos sentidos. “Pode-se afirmar também que existem muitas ‘realidades’, já que cada indivíduo observa uma realidade concreta ou imaginada, não há uma só maneira conclusiva para fixar uma definição” (Guzman, 2017, p. 20).

Segundo Thaissa Sallum Bacco *et al.* (2018), — em seu estudo sobre vídeo-documentário como ferramenta de fixação da memória —, não se pode afirmar que o documentário é uma reprodução da realidade, e sim uma representação das diversas visões de mundo em que, poucas pessoas se dão conta ou pensam a respeito. Para Bill Nichols “os documentários dão geralmente a impressão de que, de nosso cantinho no mundo, olhamos para fora, para alguma outra parte do mesmo mundo” (Nichols, 2010, p.117). Assim,

o controle do universo da representação, em uma não-ficção é adquirido gradualmente, tendo em vista que ele se molda às situações que ocorrem durante as filmagens que não podem ser previstas e, mesmo assim, todo o controle da representação só estará totalmente nas mãos do diretor na montagem do filme. (Almeida *et.al.*, 2017, p. 5).

Em meio às variadas possibilidades de realidades no mundo e a imprevisibilidade do controle do universo da representação, como saber por onde começar a produzir um vídeo-documentário? Segundo Guzmán (2017), para selecionar o que se quer filmar é

preciso que se tenha um ponto de vista para se encontrar um sentido para a realidade, ou seja, é preciso ter uma opinião, uma apreciação, um juízo sobre um tema para poder descobrir quais são as palavras, os enquadramentos, a luz adequada para filmar ou gravar essa realidade (Guzman, 2017, p. 21).

Guzmán (2017) pontua que um documentarista interpreta a realidade, dando-nos uma visão livre e subjetiva dela. “O cineasta é uma testemunha que participa; um observador ativo que toma posição — um fabricante de significados — que oferece uma obra pessoal, um discurso cinematográfico que vai muito além do olhar de um observador neutro” (Guzmán, 2017, p. 23).

Para Sérgio Puccini (2007) o processo criativo do cineasta na produção de um documentário, é trilhado por várias etapas pautadas em escolhas particulares desse realizador,

que orientam uma série de recortes que moldam a narrativa, desde a concepção da ideia à edição final do filme, adequando o real por uma consciência subjetiva.

Tal gênero possui sua própria voz, e esta define-se como sendo a maneira com que o documentarista expressa o seu ponto de vista sobre aquilo que se busca documentar. Assim, diante de várias interpretações individuais, uma mesma história pode ser contada de formas diferentes, mas sempre com um ponto em comum: a representação do real. (Bacco *et.al.* 2018, p. 3).

A representação do real é uma característica comum entre os gêneros vídeo-documentário e a vídeo-reportagem, ambos tratam dos temas de forma aprofundada baseada na realidade (Almeida, 2017). No entanto, isso não faz desses gêneros similares. Já que

a principal diferença do documentário em relação aos outros gêneros é que ele trabalha com o mundo histórico de uma forma própria, tendo a possibilidade e capacidade de atuar no mesmo e criar um novo jeito pelo qual esse mundo é notado. Pode-se dizer que o documentário é o produto do encontro do documentarista com seu objetivo inserido nesse mundo histórico. (Bacco *et.al.* 2018, p. 3).

Enquanto a vídeo-reportagem apresenta características tradicionais do jornalismo, sempre privilegiando a informação, definindo temáticas pelos critérios de noticiabilidade (Almeida *et.al.*, 2017).

Segundo Rafael Almeida *et al.* (2017), a subjetividade é outro ponto destoante entre esses gêneros, tendo em vista que no jornalismo a imparcialidade é um fator fundamental no exercício da profissão. Sendo assim, “a vídeo-reportagem, além de veicular a informação, precisa apresentar ambos os lados que relatam determinado acontecimento” no intuito de não priorizar nenhum dos envolvidos e provocar a neutralidade do telespectador (Almeida *et al.* 2017, p.13). O videodocumentário, por sua vez, preza pelo olhar do documentarista, deixando livre a interpretação do telespectador sobre o seu ponto de vista da realidade.

Para Guzmán (2017), outra circunstância que demarca a fronteira entre esses gêneros é o tempo.

O jornalista é obrigado a concluir seu programa porque existe um prazo para o fechamento da emissora televisiva[...] tem a obrigação, portanto, de entregar o material; precisa ser prático e tomar decisões mais rapidamente. Mesmo quando certas reportagens são preparadas com muita antecedência e filmadas durante longos meses, os prazos seguem sendo fixos. Um documentarista, por sua vez, pode se dar mais tempo e até mesmo voltar a filmar ou modificar algumas coisas. Na mesa de montagem pode realizar mudanças, trocar o comentário, etc. [...] O jornalista tem uma obrigação maior de cumprir um acordo; o documentarista, menor. (Guzman, 2017, p.42).

Com isso, é perceptível que o documentário leva mais tempo para ser produzido, enquanto a reportagem preza pelo imediatismo e independente do assunto, ela é produzida de forma rápida.

Destacando essas divergências, a vídeo-reportagem, com seu foco na imparcialidade, apresenta os fatos de forma direta, enquanto o vídeo-documentário, que possui carga opinativa, desenvolve um papel de condutor de informações. Ambos possuem como objetivo a veiculação de fatos com mais aprofundamento e, apesar de possuírem processos bem distintos, prezam pelo valor da informação (Almeida *et al.* 2017, p.14).

As perspectivas de Guzmán, Nichols, Bacco, Puccini e Almeida reforçam a complexidade e a subjetividade intrínsecas ao processo de criação de um documentário, ampliando perspectivas de maneira muito relevante, que contribui significativamente para a composição do presente trabalho.

O conceito de que a realidade é percebida de maneira subjetiva contribui para a compreensão de que o documentário é uma obra que vai além de um mero registro; ele se torna uma interpretação pessoal que oferece um novo olhar sobre o mundo. Ao considerar que cada indivíduo percebe a realidade de forma única, entendemos que o papel do documentarista é selecionar, com base em um ponto de vista claro e bem definido, os elementos que transmitem a visão sobre o Reisado, no nosso caso, moldando uma narrativa que não seja neutra, mas sim, repleta de significados.

Crer que o documentário apresenta múltiplas visões de mundo, leva-nos a enxergar o Reisado não apenas como tradição local, mas como um microcosmo repleto de histórias, valores e interpretações. Isso exigirá sensibilidade para identificar as particularidades dessa cultura e criatividade para traduzi-las cinematograficamente. Além disso, o conceito de Bill Nichols (2010) de que o documentário cria a impressão de uma janela para outras partes do mundo reforça a importância de captar a essência dessa manifestação cultural, apresentando-a da forma que o público se sinta transportado para o universo da cidade de Boa Hora, no Estado do Piauí.

Além disso, a liberdade temporal e interpretativa que o vídeo-documentário possibilita, é crucial para ser possível imergir verdadeiramente na cultura retratada, ajustando os elementos narrativos e visuais ao longo do processo para alcançar uma representação que vai além do óbvio.

Portanto, leva-se adiante que esse documentário será mais do que uma exposição do Reisado de Boa-Hora; será uma obra que dialoga com o passado e o presente dessa tradição, oferecendo ao público uma oportunidade de contemplar, interpretar e valorizar uma manifestação cultural única, por meio da lente de uma observadora que deseja reverberar as vozes da memória e da identidade dessa comunidade.



### **3. A CONSTRUÇÃO DO DOCUMENTÁRIO SOBRE O REISADO DE BOA HORA**

A concepção dessa pesquisa nasceu do propósito de documentar e valorizar o Reisado de Boa-Hora, tradição carregada de significados para a comunidade. A ideia surgiu da aspiração de captar em vídeo toda a riqueza de cores, movimentos, sons e vibrações que o Reisado transmite. Assim, essa abstração sai do campo imaginário para um produto, um documentário.

A escolha das cenas, takes e sonoras foi feita no intuito de costurar uma narrativa que expresse a importância dessa prática como elemento de identidade e memória local, ao mesmo tempo que capta sua essência visual. Com 20 minutos e 40 segundos de duração, a obra cumpre seu papel de retratar a riqueza e a força dessa cultura centenária, por meio das falas, cheias de significados, dos entrevistados e por meio dos registros audiovisuais das celebrações ocorridas no ano de 2025. Para isso, o documentário seguiu as etapas tradicionais da produção audiovisual: pré-produção, produção e pós-produção.

#### **3.1 Pré-produção**

O documentário, enquanto produto final, passou por diversas etapas importantes ao longo de sua construção. Por ser da cidade onde essa tradição é vivenciada, já possuía um certo conhecimento prévio sobre o Reisado. No entanto, para aprofundar minha compreensão sobre o impacto socio comunicacional dessa manifestação na comunidade de Boa-Hora, e com fim em embasar o presente relatório, realizei uma pesquisa teórica com base em estudos sobre o Reisado, cultura popular e a folkcomunicação. Além disso, assisti a dois documentários já produzidos sobre o Reisado, tanto para me inspirar quanto para adquirir noções técnicas de enquadramento, ângulos, movimentos de câmera e edição. Foram eles: “Documentário Reisado de Boa Hora: Fé, amor e devoção” e “Reisado de Boa Hora: Um elo entre história, identidade e tradição”. Esse processo me proporcionou clareza sobre o que eu queria alcançar esteticamente e de como articular uma narrativa através das entrevistas.

Para visualizar claramente quais elementos e momentos emblemáticos, narram essa tradição, foram realizadas entrevistas prévias, em sonora, com quem melhor conhece e possui um vínculo emocional com o Reisado, os brincantes. Foram entrevistados um sanfoneiro, uma cantadeira, um mandador e caretas de longa data, para conhecer melhor os personagens que estarão no documentário, e entender o que faz o Reisado para eles, ser uma tradição tão

emocionante, e assim possibilitar o conhecimento de para onde meu olhar e minha lente, devem se voltar na hora de realizar os registros.

Partindo dessa primeira etapa, foi possível estruturar um roteiro prévio, criado não para ser seguido à risca, mas para servir como guia de gravação.

### 3.1.1 Roteiro prévio

**Título:** Dançando com Reis: A tradição do Reisado de Boa-Hora

**Duração:** 20”

**Gênero:** Documentário

| Cena  | Áudio  |
|---|--|
| <p><b>Cena 1:</b> Plano detalhe de uma mulher segurando um pano florido junto a imagem de Santos Reis. Plano <i>close-up</i> das mulheres cantando, ângulo traseiro em primeiro plano das mulheres, focando na imagem de Santos Reis sobre a porta de uma casa e em pessoas assistindo.</p> <p>A cena encerra com o dono da casa abrindo a porta.</p> | <p><b>Áudio (VT):</b> Cantadeiras entoando o cântico inicial de Três Reis. “<i>Ô de casa! Ô de fora! Lá de dentro, nobre gente...</i>”</p> |
| <p><b>Cena 2:</b> Imagens das estatuetas de Santos Reis em <i>timelapse</i>. Imagens de momentos das apresentações em vários ângulos, enquadramento e movimentos. Imagens do boi, dos caretas, da sanfona, do público, etc.</p>   | <p><b>Áudio (VT) de entrevista:</b> Historiador local explica o contexto histórico do Reisado em Boa-Hora.</p>                             |
| <p><b>Entrevista (ON):</b> Entrevista com o historiador contando sobre a tradição</p>   |  |
| <p><b>Cena 3:</b> Caretas dançando e cantando a música de celebração da chegada do Reisado. “<i>Aiai meu Deus, é Ano Novo!</i>”</p>   |  |

|  |  |
|--|--|
| <i>Reisado é bom demais, e eu já tô aqui de novo!...”</i>  |  |
| <b>Entrevista (ON):</b> Entrevista com o historiador contando sobre a questão religiosa da celebração.           |  |
| <b>Entrevista (ON):</b> Entrevista com um pagador de promessas, contando sobre sua promessa e sua missão devota. |  |
| <b>Cena 4:</b> Imagens do pagador da promessa exercendo sua devoção e vendo seu grupo de Reisado se apresentar.  |  |
| <b>Cena 5:</b> Plano conjunto das cantadeiras entoando cânticos nos bastidores das apresentações                 |  |
| <b>Entrevista (ON):</b> Entrevista com uma cantadeira.   |  |
| <b>Cena 6:</b> Careta tecendo sua vestimenta de palha de Buriti.   | <b>Áudio (VT) de entrevista:</b> Careta falando da sua experiência sendo esse personagem e o que significa para ele. |
| <b>Entrevista (ON):</b> Careta   |  |
| <b>Cena 7:</b> Imagens dos caretas fazendo suas “palhaçarias”. Finaliza dando ênfase na sanfona e no sanfoneiro. |  |
| <b>Entrevista (ON):</b> Entrevista com o sanfoneiro.   |  |
| <b>Cena 8:</b> Pluralidade de imagens do sanfoneiro tocando.   | <b>Áudio (VT) de entrevista</b>  |

|   |   |
|---|---|
| <b>Cena 9:</b> Sanfoneiro tocando pro mandador recitar seus versos para o boi dançar.   |   |
| <b>Entrevista (ON):</b> Entrevista com o mandador.  |   |
| <b>Cena 10:</b> Imagens do mandador recitando seus versos guiando a apresentação  | <b>Áudio (VT) de entrevista</b>   |
| <b>Cena 11:</b> Imagens do Boi brincando e “lutando” com os caretas, divertindo o público   |   |
| <b>Entrevista (ON):</b> Entrevistado falando sobre o papel do Reisado como um instrumento de resistência cultural e fortalecimento da identidade local. |   |
| <b>Cena 12:</b> Imagens do Reisado arrastando multidões. Imagens das apresentações no festival  | <b>Áudio (VT):</b> Caretas cantando: “ <i>Reisado é. É tradição. Quem não gosta de Reisado é porque não conhece não</i> ” |

### 3.2 Produção

O processo de filmagem teve início antes das romarias, no mês de dezembro de 2024, com registros de ensaios dos grupos de Reisado e a missa de Benção dos Bois. As romarias se iniciaram no dia 31 de dezembro de 2024 e seguiram até o dia 5 de janeiro de 2025, no Festival, encerrando no dia 6, com a morte do Boi de Fama. Esse foi o período de captação das imagens principais.

Todo o processo de produção do documentário foi realizado de forma autônoma e independente. As gravações foram feitas por meio de um celular, Samsung Galaxy A54, com a maior capacidade de qualidade da câmera, em UHD (4K). A mobilidade e praticidade do equipamento, permitiram a captura de imagens tanto em ambientes externos quanto internos, adaptando-se às diferentes necessidades das filmagens. Para garantir um resultado mais profissional foi utilizado outros equipamentos e acessórios como: tripé e estabilizadores, para assegurar uma boa estabilidade e qualidade visual; microfone externo, para captar o áudio com clareza; e iluminação auxiliar para situações de baixa luminosidade, e para realçar a

atmosfera do ambiente, destacando as expressões e movimentos dos participantes. Essa abordagem, apesar de enxuta, proporcionou a flexibilidade e a autonomia necessárias para acompanhar as peregrinações dos grupos nas romarias.

No ano de 2025 se apresentaram onze (11) grupos de Reisado. O documentário contém imagens mescladas de apresentações de mais de um grupo, dentre eles, grupos de Reisado de alguns entrevistados. Durante as cinco noites de romaria, acompanhei e registrei as apresentações de seis (06) grupos de Reisado. Além disso, tive a oportunidade de receber dois desses grupos em minha própria casa. As gravações, em muitos momentos, se estenderam pela madrugada — houve dias em que trabalhei até a metade da noite e outros em que permaneci filmando até o amanhecer. Durante o dia, os equipamentos eram recarregados e as imagens analisadas a fim de identificar quais ângulos e enquadramentos poderiam ser explorados nas noites seguintes.

As cenas foram gravadas em diferentes ângulos e planos, desde amplas que mostram o grupo “brincando” no terreiro dos moradores até close-ups que revelam os detalhes das danças, dos gestos e das expressões. Também foram exploradas as interações entre os membros do Reisado e a comunidade, destacando o vínculo entre a manifestação cultural e a identidade coletiva da cidade. A câmera foca também em detalhes dos trajes, instrumentos e adereços usados nas apresentações, valorizando os elementos estéticos que compõem o espetáculo e carregam significados simbólicos.

### **3.2.1 Quem são os personagens dessa história?**

Para revelar esse enredo em um documentário, é necessário recorrer às vozes daqueles que vivem o Reisado, conectando suas lembranças pessoais aos valores e sentimentos compartilhados por toda a comunidade. No processo de construção dessa narrativa, os personagens tornam-se as janelas pelas quais se pode acessar o coração do Reisado. Por tanto, foram definidas nove (9) fontes para entrevistas em profundidade, todas realizadas com o objetivo de que, juntas, criem um fio condutor para narrativa documental para as faces do Reisado boharensense. São as vozes dessa narrativa:

- Antônio Bernaldino, devido a um problema de saúde, em que não via esperança na medicina, se apegou aos Santos Reis, pedindo que lhe dessem sua saúde novamente. Alcançada sua graça, Antônio pôs-se a “tirar” Reisado por três anos, e neste último Reisado, pagou sua promessa. É ao lado de seu

Boi Milagroso, que ele conta sua história sobre a força da fé em Santos Reis e a graça que lhe foi concedida.

- Francisco de Carvalho Sousa, conhecido pelos populares como Chico Ambrósio, que atua na função de Careta há 32 anos. Ambrósio é conhecido pela comunidade como maior veterano, ainda atuante dentro do Reisado, seu interesse pela tradição surgiu de criança, cresceu vendo seus familiares seguir essa tradição por anos, e por vontade própria buscou aprender alguma função com que pudesse se encaixar no Reisado, até abraçar sua vocação como Careta, sem planos de se aposentar dela. Ambrósio também é um grande conservador dessa tradição, repassando para todos seus descendentes, filhos, netos, todos já atuantes no Reisado. Em sua entrevista, com duração de 23 minutos, ele compartilha um pouco de sua história e ligação com o Reisado durante todos esses anos.
- Francisco de Assis Pereira da Silva, Careta há 28 anos, também adentrou o Reisado hereditariamente, seu avô repassou a tradição para seu pai, que sucessivamente, repassou para ele quando era jovem. Sua entrevista foi realizada junto a José Fábio.
- José Fábio da Silva, aprendeu ao lado de Diassis o seu ofício de ser careta. Fábio, ao se mudar do Maranhão para Boa-Hora, com 12 anos, conheceu o Reisado e ficou fascinado. Logo surgiu seu interesse de aprender como brincava Reisado, aprendeu por conta própria vendo os veteranos fazerem, Diassis era um deles, e hoje, Fábio já faz 21 anos como Careta.

Na entrevista, que tem duração de 26 minutos, ambos contam sobre o que essa tradição significa para eles e compartilham seu desejo de que ela se perpetue.

- Raimunda da Silva Ferreira, mais conhecida como Mudiquinha, Cantadeira há 35 anos, começou no Reisado como pagadora de promessa, tornando-se Cantadeira do seu próprio grupo. Mudiquinha não só canta no Reisado como também confecciona as vestimentas da maioria dos Bois, além de, junto ao seu marido, produzir variadas peças artesanais do Reisado. Sua entrevista, de 29 minutos de duração, foi gravada em sua residência. Nela, Mudiquinha conta sobre as grandes emoções do Reisado que mexem com o seu coração e da importância de ter essa tradição em Boa-Hora.
- Edcássio Lopes Araújo, mandador há nove anos, começou como pagador de promessa, e segue no ofício anualmente trabalhando para outros pagadores de

promessa. Neste ano de 2025, trabalhou como mandador para o grupo de Antônio Bernaldino. Em sua entrevista de 28 minutos, ele falou da importância do Reisado para Boa-Hora, sobre o papel fundamental de cada participante e reforçou a ideia de que: o que move a tradição é a fé.

- Lenildo Martins, professor de História e pesquisador da cultura do Reisado boharensense. Sua entrevista foi gravada em sua residência e teve duração de 29 min. Nela, Lenildo fala um pouco sobre algumas simbologias na manifestação do Reisado, sua corrente religiosa e o impacto dessa cultura na cidade de Boa-Hora.
- Caio Resende, produtor cultural, idealizador do Ponto de Cultura de Boa-Hora, instituição que promove o Curso de Reisado Mirim. Para essa entrevista, visitei a instituição, sua entrada decorada com artesanato e artes de Reisado serviu de cenário para a entrevista. Durante os 30 min de sua duração, Caio conta sobre o incentivo às crianças com a prática do Reisado, o impacto dela na identidade de Boa-Hora e a importância de ampliar essa tradição. Na oportunidade, pude assistir à apresentação das crianças, fazer alguns registros e entrevistá-las também. Pude assim perceber o impacto forte que esse projeto tem na vida delas.

O Ponto de Cultura de Boa Hora, foi idealizada e criada no início de 2021, pós-pandemia, como uma estratégia para preservar e desenvolver a cultura boharensense e com o intuito de melhorar a qualidade de vida do município, com a implementação de cursos de sanfona, bateria, teclado, canto e o de sapateado (dança de reisado), todos abertos para a comunidade. O Curso de Reisado Mirim já teve mais de 60 crianças matriculadas. Atualmente, a turma tem cerca de 25 alunos frequentando as aulas toda segunda e sexta de 17h30 às 19h30. São jovens de 05 a 16 anos que aprendem sapateado, cantigas, lodaças<sup>3</sup>, mandação de boi, dança do boi, fabricação de roupas de palha e caretas. Os alunos já fizeram dezenas de apresentações em Boa Hora e já se apresentaram em 12 cidades diferentes no Piauí, o que os mantém determinados em ensaiar e aprender cada vez mais. Assim, além do trabalho social, é garantido também a preservação e divulgação da secular cultura do Reisado.

As entrevistas foram gravadas em locais de escolha dos entrevistados, sempre buscando usufruir de elementos simbólicos do Reisado, presente no local, como cenário.

---

<sup>3</sup> Lodaças são conversas realizadas pelos Caretas nas portas dos Donos da Casa, caracterizadas por falas cheias de gracejos e brincadeiras, que adicionam um tom humorístico e descontraído à interação.

Esse processo de construção da narrativa do documentário, a partir das memórias de seus personagens, não apenas registra o Reisado, mas a vivência. Ele resgata as vozes do passado, celebra os protagonistas do presente e projeta as esperanças para o futuro. Assim, a história contada não é apenas sobre o Reisado, mas sobre o que ele representa na vida daqueles que o carregam no corpo, na voz e na alma.

### 3.3 Pós-produção

Com o material coletado, deu-se início ao processo de seleção e organização do conteúdo. Inicialmente, foi feita uma decupagem das entrevistas, recortando trechos mais significativos para a construção da narrativa. Posteriormente, foi realizada a seleção dos registros audiovisuais (vídeos e áudios) que apresentavam maior pertinência a linha narrativa definida, a qual é estruturada a partir do eixo temático da promessa e da fé em Santos Reis.

A edição do documentário foi realizada no aplicativo CapCut, em sua versão Pro. Com as imagens e falas previamente selecionadas, a montagem buscou construir uma narrativa contínua e sensível, onde a trama não se conecta apenas pelas falas dos entrevistados, mas também pelas músicas escolhidas, cantigas cantadas nas apresentações do Reisado, que servem de trilha sonora para o documentário. As músicas presentes na obra não foram inseridas unicamente com a finalidade de compor uma estética sonora; elas desempenham um papel narrativo fundamental, contribuindo dinamicamente para a construção e a compreensão da narrativa que se pretende contar.

Foi um longo e trabalhoso processo de alinhamento das imagens com as falas, das falas com as músicas e vice-versa, até se obter uma narrativa contínua e limpa. Para fazer essas mesclagens, foram utilizados recursos do aplicativo de edição, como o *fade in* e o *fade out*<sup>4</sup>, para realizar transições mais suaves, de um *take*<sup>5</sup> para o outro e de uma música para a outra.

Com a narrativa já estruturada, foram realizados os ajustes finais de edição, incluindo a definição das fontes tipográficas utilizadas nos títulos e legendas para identificação dos entrevistados e de suas respectivas funções no Reisado. Também foram aplicados filtros e realizados ajustes na qualidade da imagem, com o objetivo de aprimorar a estética visual e assegurar maior uniformidade ao material audiovisual.

---

<sup>4</sup> "Fade In" e "Fade Out" são termos usados para descrever transições visuais ou de áudio que envolvem a gradual mudança de visibilidade ou volume, respectivamente.

<sup>5</sup> Take (em português, "tomada") refere-se a uma gravação ininterrupta de um plano.



Todo esse processo de edição foi guiado por uma preocupação estética e narrativa (figura 3). Cada escolha feita contribuiu para reforçar o sentido simbólico e cultural da fé em Santos Reis. O resultado: “Onde passam os Reis: Tradição de Reisado em Boa-Hora”, é um documentário que pretende dialogar e envolver o espectador por meio de uma linguagem audiovisual sensível e respeitosa à tradição retratada.

Figura 3: Capa do vídeo-documentário “Onde passam os Reis”, produto desse trabalho.  
Fonte: Acervo pessoal, 2025



### 3.3.1 Ficha técnica

**Documentário:** Onde Passam os Reis: fé e tradição na cidade de Boa-Hora-PI

**Duração:** 20min 40seg

**Direção:** Leilane Coelho da Silva

**Produção:** Leilane Coelho da Silva

**Fotografia e gravação:** Leilane Coelho da Silva

**Roteiro:** Leilane Coelho da Silva

**Captação de áudio (utilizado como trilha sonora):** Leilane Coelho da Silva

**Edição:** Leilane Coelho da Silva

**Orientação:** Rosane Martins de Jesus

**Entrevistados:** Antônio Bernaldino (Pagador de promessa)

Francisco de Carvalho Sousa (Careta)

Francisco de Assis Pereira da Silva (Careta)

José Fábio da Silva (Careta)

Raimunda da Silva Ferreira (Cantadeira)

Edcássio Lopes Araújo (Mandador)

Lenildo Martins (Professor de História e pesquisador do Reisado)

Caio Resende (Coordenador do Ponto de Cultura)

Pedro Vinícius (Aluno do Ponto de Cultura)

**Disponível no YouTube:** <https://youtu.be/D3xHZREbnDI>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Produzir um vídeo-documentário sobre o Reisado de Boa-Hora foi uma experiência transformadora. Embora eu já conhecesse o Reisado desde a infância, foi a primeira vez que me aproximei dessa tradição com o olhar atento de quem investiga, de quem escuta com atenção e observa com intenção. Mergulhando nesse processo com um olhar mais exploratório, pude enxergar nuances que antes me escapavam. Aquilo que sempre esteve presente — os cantos, os gestos, as simbologias — se revelou com ainda mais profundidade. O contato direto com os brincantes e devotos de Santos Reis, suas histórias e motivações, fez com que cada fala, cada música e cada imagem captada ganhasse um novo significado.

Percebe-se que o Reisado está longe de ser apenas uma manifestação artística, o Reisado constitui-se como um importante mecanismo folkcomunicação e desempenha um papel central na construção da memória coletiva de Boa-Hora. Através da interação entre a fé, a promessa, a música e a dança, essa prática social não só diverte, mas também educa, integra, reafirma vínculos identitários e une a comunidade. Dessa forma, essa tradição emerge não apenas como uma expressão folclórica, mas como um veículo vivo de comunicação comunitária que resiste às transformações sociais, mantendo-se atual e relevante para a cidade de Boa-Hora-PI.

Esse trabalho ultrapassou os limites da pesquisa acadêmica. Foi um reencontro com a tradição que vi pela primeira vez quando criança. Essa vivência ampliou minha admiração por essa manifestação popular e despertou em mim um senso de responsabilidade ainda maior quanto à importância de valorizá-la e registrá-la. Mais do que um produto final, o documentário se tornou uma celebração dessa cultura que pulsa em cada canto, em cada rima cantada com fé, em cada passo marcado no chão. E se esse registro puder tocar outras pessoas — dentro ou fora de Boa-Hora — e despertar nelas a mesma admiração que hoje carrego comigo, então o propósito estará cumprido.

## Referências

ALMEIDA, Rafael de Lima; SANTANA, Flávio Menezes; SILVA, Juliana Correia Almeida e. **Videodocumentário e videorreportagem:** características e distinções de duas linguagens audiovisuais. *In.* 40º Congresso de Ciências da Comunicação. 2017

ANDRADE, Andreia Rodrigues de; COSTA, Francielcio Silva da; OLIVEIRA, Renata Maria da Silva; SILVA, Naiara Ferreira da. **A identidade cultural do Reisado em Boa-Hora.** *In.* Revista Humana. Piauí, v. 1, n.1, p.144–155, 2019. Disponível em: <https://revistahumanares.uespi.br/index.php/HumanaRes/article/download/17/12/>

BACCO, Thaisa Sallum; REIS, Fabio Henrique dos Santos; RIBEIRO, Paulo Roberto; SILVEIRA, Fabio Figueirinha. **Videodocumentário e memória:** relações e reflexões. *In.* XXIII Congresso de Ciências da Comunicação. 2018.

DE CARVALHO, Ângela Maria; FALCHETTO, Giovanna; FERNANDES, Mariana; NOGUEIRA, Rafaela; VIEIRA, Helena. **Folkcomunicação:** análise das influências do conceito desde sua gênese até a contemporaneidade. *In.* XVIII Congresso de Ciências da Comunicação. 2013. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/sudeste2013/resumos/R38-1592-1.pdf>.

GUZMÁN, Patricio. **Filmar o que não se vê:** um modo de fazer documentários. São Paulo: SESC. 2017

MACIEL, Betania; SILVA, Shirley da. Folkcomunicação e modernidade: caminhos e perspectivas para o desenvolvimento local. *In.* **Cadernos de graduação** - ciências humanas e sociais Facipe. Recife, v. 1, n. 2, p. 45–52, nov 2013.

MONTE-MÓR, Patrícia. Tendências do documentário etnográfico. *In.* TEXEIRA, Francisco Elinaldo. **Documentário no Brasil:** tradição e transformação. Summus, 2004. p. 97–116.

ROCHA, Teresinha Dias da Silva. **O Reisado de Boa-Hora-PI.** Gráfica Santa Edwirges. 2017

TRAVANCAS, Isabel. Fazendo etnografia no mundo da comunicação. *In:* BARROS, Antonio; DUARTE, Jorge. **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação.** São Paulo: Atlas S.A, 2005, p. 98–109.